



O problema da eleição e coroação dos reis do Congo

Autor(es): Brásio, P.e António

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: <http://hdl.handle.net/10316.2/46746>

DOI: https://doi.org/10.14195/0870-4147_12_16

Accessed : 19-Aug-2022 12:39:17

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XII

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME I



COIMBRA / 1969

O problema da eleição e coroação dos reis do Congo

Em comunicação à Academia Portuguesa da Historia, em 20 de Dezembro de 1961, tratámos do «Problema da Sagração dos Monarcas Portugueses», e pudemos 'então concluir, pela análise dos documentos pertinentes, que em tempo algum, apesar de várias tentativas feitas, os reis de Portugal foram sagrados.

Acerca dos Reis do Congo, com os quais mantivemos 'estreitas e contínuas relações — nem sempre cordiais — desde finais do século XV, e do rito de eleição e entronização, a que já se chamou, com manifesta impropriedade de expressão, a «unção do rei», julgamos interessante para os estudiosos portugueses a revelação de alguns documentos esclarecedores, já divulgados no estrangeiro em traduções mais ou menos felizes, que não valem, evidentemente, nem pelo sabor nem pelo conteúdo, os respectivos originais.

O professor Georges Balandier, mestre da Sociologia africana, chama a nossa atenção para o ensino da etnologia africanista, que tem importância decisiva para a interpretação da história do Congo. A literatura que possuímos, de origem missionária quase toda, transmite-nos os homens e os acontecimentos, por vezes, de maneira caricatural. Impõe-se, pois, um trabalho de tradução orientado pela sociologia e pela etnologia científica. Não restem dúvidas: o Cristianismo é essencialmente adoptado como fonte de *ngolo*, isto é, de poder. É apenas acrescentar um poder novo ao poder antigo, sem que se possa falar de uma verdadeira renúncia a este. É a apropriação política, aliás inteligente, do proloquio da sabedoria romana: *quod abundat non nocet X¹*). Julgamos que o cerimonial cristão da eleição dos reis do Congo — que não dispensa o cerimo-

(1) Georges Balandier, *La Vie Quotidienne au Royaume de Kongo du XVI^e au XVIII^e siècle*, Paris, 1965, p. 38.

niais tradicionais, muito impropriamente chamado «pagão» — tem de inserir-se nesta mentalidade ancestral e neste realismo político.

Várias relações missionárias da segunda metade do século XVIII, já estudadas por Louis Jadin, lançam luz sobre este problema, que se tem mantido vivaz até nossos dias.

O rito da eleição e coroação seguido por D. Pedro V em 1763 e por Álvaro XI em 1764, quanto ao cerimonial cristão, veio até nós na descrição pormenorizada do capuchinho italiano Frei Que-rubim de Savona, missionário no Congo i⁽²⁾.

O mesmo autor, aproveitando-se do manuscrito 8.554 (F. G.) da Biblioteca Nacional de Lisboa (que foi da biblioteca de Júlio Firmino Bicker)¹, a «Informação 'do Reino do Congo» por Frei Raimundo de Dicomano, missionário capuchinho italiano da província da Tosoana, escrita em Luanda em 1798 e endereçada ao Governador Geral, fala também da eleição dos reis do Congo '(fis. 107-110 v) mas sem entrar nos pormenores que realmente interessariam ⁽³⁾, quer do cerimonial cristão quer, sobretudo, do cerimonial tradicional e seu significado profundo.

A literatura histórica portuguesa não é rica em pormenores sobre a África dos nossos primeiros contactos; os relatórios e livros de bordo dos capitães e dos primeiros missionários, ou andam perdidos ou pouco nos dizem em ordem a fixar o interesse da etnografia e da sociologia modernas. Sabemos hoje que Rui de Pina utilizou o livro de bordo do capitão Rui de Sousa, em princípios de 1492. Sabemos também que João de Barros tinha nos seus processos de historiador auscultar atentamente os homens do mar e se é verdade que a primeira Década estava escrita já em 1539, podemos supor que o elegante e sério historiador bebeu da boca dos homens da embaixada de Rui de Sousa a descrição preciosa da recepção dada ao embaixador português pelo potentado do Congo:

«O qual em hum cadafalso de madeira tão alto, que podia ser visto de todas as partes, estava assentado em huma cadeira de mar-

[⁽²⁾] Biblioteca Vaticana, *Borgia Latino*, 269, fis. 47-49. Vid. L. Jadin, *Aperçu de la situation du Congo et rite d'élection des rois en 1775, cfaprès le P. Cherubino da Savona, missionnaire au Congo de 1759 à 1774*, in *Bulletin de l'Institut Historique Belge de Rome*, fase. XXXV, 1963, p. 398-407.

i⁽³⁾ IL. Jadin, *Relation sur le royaume du Congo du P. Raimondo da Dicomano, missionnaire de 1791 à 1795*, in *Bulletin des Séances da «Académie Royale des Sciences 'Coloniales», Bruxelles, III-1957»*-2, p. 307-337.

fim com algumas peças de páo lavradas ao seu modo mui bem: os vestidos do qual da sinta pera sima eram os couros da sua carne mui pretos, e luzidios, e per baixo se cubria com hum panno de damasco, que lhe dera Diogo Cam; e no braço esquerdo hum bracelete de latão, e neste hombro hum rabo de cavallo guarnecido, cousa tida entre elles por insignia real; e na cabeça hum barrete alto como mitra, feita de panno de palma muito fino, e delgado, com labores altos, e baixos, a maneira que ácerca de nós hé a tecedura de cetim avelutado» (4).

Rui de Pina, que teve na mão o livro de bordo de Rui de Sousa, que largamente utilizaria na sua Crónica de D. João II, é incompreensivelmente mais sóbrio, menos denso, mais pobre. Ainda assim, vale a pena ouvi-lo:

«e posto em huū estrado rico ao seu modo, nuu da cinta pera cima, com hũa carapuça de pano de palma lavrada, e muito alta posta na cabeça, e ao hombro hüu rabo de cavallo guarnecido de prata, e da cinta pera baixo cuberto com hüus panos de damasco, que lhe elRey tinha mandados, e no braço esquerdo hüu bracelete de marfim» (5).

Podemos dizer que são estas duas descrições, de Pina e Barros, os dois documentos que possuímos referentes ao século XV e ao Congo, dos quais podemos colher as insígnias de um chefe coroado segundo o cerimonial tradicional e pré-cristão. No seu livro *Les Chefs Couronnés chez les Ba Kongo Orientaux*, o R. P. J. Mertens, S. J., indica várias insígnias que não vemos referidas na indumentária do Mani-Congo, quer porque efectivamente não eram usadas, quer porque passaram despercebidas aos informadores dos cronistas portugueses. Talvez esta hipótese seja efectivamente a verdadeira.

Do século XVII possuímos uma descrição, baseada na de Pina, mas particularizada com conhecimentos posteriormente adquiridos *in loco*. Efectivamente, o autor da *História do Reino do Congo*, manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, descreve a entrada de Rui de Sousa na capital do Congo e o seu encontro com o Rei, desta maneira:

«e 9ahia [o Rei] acompanhado de grandíssima multidão de gente, assentado em huma banza, que são ao modo de hum esquife da

(4) *Da Asia, áéc.* I, liv. III, cap. IX.

(5) *Chronica dEl Rei Dom João II*, Lisboa, 1792, cap. lix.

índia, posto que mais estreitas, feitas de paos pregados huns sobre os outros, e por cima coberta de huma esteira de muitos juncos, muito bem lavrada; estava nú da cintura para cima, na cabeça hum barrete de fios de folha de palma, a que chamão *ampu*, também lavrado, ao hombro hum rabo de cavallo guarnecido de prata, e da cintura para baixo coberto com hum panno de damasco a modo de manto de mulheres, que el rey Dom João lhe mandara, no braço esquerdo uma manilha de marfim» (fis. 24v.-25).

O. Dapper no original da sua obra *Nauwkeurige Beschrijving*, editada em Amsterdão em 1668, com edição alemã em 1670, francesa em 1686 e inglesa em 1670 também, não trata propriamente do rito da eleição dos reis do Congo, mas assinala particularidades que o tempo foi impondo e que são dignas de registro. Ao referir a embaixada que os holandeses, senhores de Luanda, enviaram ao Congo em 1642, vemos que o rei Garcia II se apresentou como um senhor altamente civilizado. A tradução francesa de Dapper mostra-nos o potentado conguelês, desta forma:

«Le Roi avoit sur lui une robe de chambre de drap d'or & trois grosses chaines d'or au cou; il portoit une escarboucle au pouce droit & deux grandes lémeraudes à la main gauche. Sur la manche gauche de sa robe 'était attachée une croix d'or, où un cristal très fin & très poli étoit enchâssé; un bonnet blanc lui couvroit la tête & des bottes grises les jambes & les pieds. A ses cotez se tenoient deux pages, celui de la droite avoit un éventail ou plutôt une piece de toile avec quoi il agitoit l'air de temps en temps, & l'autre portoit un arc & un sceptre d'étain enveloppé d'une toile fine. Son trône étoit un fauteuil de velours & on lisoit au dessus cette écriteau en broderie DON ALVAREZ ROI DE CONGO, sous un daiz de satin blanc brodé d'or & garni de franges de soie. Le pavé étoit convert d'un tapis de Turquie & son truchement» (p. 352).

Evidentemente que o rei do Congo em 1642, não era D. Álvaro mas D. Garcia II, o que Olivier Dapper não faz notar. A legenda em bordado pertencia ao seu antecessor. Das insígnias tradicionais apenas mantinha o boné branco, considerado título de nobreza, sem que saibamos de que era fabricado, o que pode pôr em dúvida se era o histórico boné imposto quando da coroação.

Segundo o escritor holandês, o sucessor era escolhido entre os filhos do Rei, sem consideração pela idade nem pela bastardia ou

legitimidade, persuadidos como estavam de que os filhos do mesmo pai são iguais pela lei da natureza e que apenas o mérito os distingue. Por vezes deixam-se os filhos e coloca-se no trono um irmão do Rei. A maioria de votos decide da eleição e depende em absoluto dos chefes da Nobreza e dos Portugueses: mas outrora o Duque de Bamba era o herdeiro presuntivo da coroa.

No dia da exaltação, todos os gentis-homens e os portugueses se reúnem no pátio do palácio, quadrado e descoberto, fechado por um muro de cal e cimento da altura de cinco palmos. Coloca-se uma coroa forrada de oiro, de prata e de seda, três braceletes de oiro da grossura do dedo mendo, uma bolsa de veludo, que encerra uma bula e indulgência do Papa, sobre uma almofada de veludo; o chão, coberto por um belo tapete.

O que deve ser eleito nada sabe ainda e está sentado no meio da multidão. Apenas dez ou doze gentis-homens estão senhores do segredo. Para começar a cerimónia um arauto diz estas palavras em alta voz: *Quem quer que tu sejas que deve ser eleito Rei, evita ser violento, vingativo e maldoso, sê amigo dos pobres, dá esmolas para a redenção dos cativos e dos escravos, socorre os aflitos, favorece a Igreja, conserva a paz no teu Reino e não quebres jamais a aliança que existe entre ti e o Rei de Portugal teu irmão.*

Depois deste discurso soam as flautas e os oboés: então dois dos eleitores vão buscar o eleito pela mão e mandando-o assentar no trono real, um coloca-lhe a coroa na cabeça, outro ajusta-lhe os braceletes e o manto e em seguida um Sacerdote revestido de casula e estola brancas, como que representando a pessoa do Vice-Rei, apresenta-lhe o Missal e o Livro dos Evangelhos e manda-o jurar que observará inviolavelmente o que o arauto exigiu dele.

A coroação termina por esta cerimónia ; todos os assistentes acompanham o Rei ao seu palácio, e alguns da comitiva atiram-lhe areia e poeira, para lhe lembrar que, pelo facto de ser Rei, não deixará de ser um dia pó e cinza ⁽⁶⁾.

Outro autor que descreveu, para o seu tempo, o cerimonial da eleição e coroação do Rei do Congo, foi o Padre Frei António

⁽⁶⁾ Olivier Dapper, *N auwkeurige Beschrijving der Afrikaansche Gew&sten* (Minuciosa Descrição das Regiões Africanas), Amsterdam, 1668, p. 582-83; *Description de VAfrique*, Amsterdam, Chez Wolfgang, Waesberge, Boom 8c van Sonneren, M. DC. LXXXVI, p. 354.

Cavazzi de Montecúcolo na sua justamente famosa *Istorica Descrizione de* tre^o Regni Congo, Matamba, et Angola*, publicada em Bolonha em 1687.

Para Cavazzi não tinha importância que o eleito fosse filho, sobrinho ou neto do rei defunto, legítimo ou ilegítimo, descendente por linha masculina ou feminina. Os eleitores eram três grandes fidalgos do reino: o Mani-Efunda, que o autor da *História do Reino do Congo*, no primeiro quartel do século XVII, chama Mani-Cabunda e Mons. J. Cuvelier *Ntinu-Nsacu-ne-Vunda* ⁽⁷⁾, chefe religioso e principal eleitor e os Manis Bata e Sonho, chefes civis preponderantes. Mas os eleitores nem sempre são livres na sua escolha, sendo eleito, por vezes, não o que mais merece, mas o mais forte, observa aquele autor.

Na praça de S. Salvador (no «terreiro» ou «embasse», que é a «praça» pública) junta-se infinita gente. A eleição realiza-se na igreja-mor, que apenas servia já para as audiências públicas dos reis e se encontrava desafectada do culto público. Cavazzi escreve textualmente:

«Armando um altar, na parte do Evangelho toma assento o bispo ou, se ele faltar, o vigário-geral. Na parte da Epístola senta-se o Mani-Efunda, rodeado de príncipes, cada um dos quais, por não se saber ainda quem será o eleito, tem a esperança de o ser ele próprio. Este eleitor, a certa altura levanta-se, vai ao meio do Sancta Sanctorum e, depois de ter feito oração, volta para o seu lugar. Aí, de pé, exorta os presentes a ficarem sossegados quando ouvirem o nome do eleito e a aceitarem a sua exclusão. Acrescenta não ser já desejável uma coroa, que limita o arbítrio do Rei e o obriga a fazer só o que for para o bem dos súbditos. Numa palavra: procura dispor os ânimos de todos a uma eleição desapassionada, para o bem do reino. Por fim proclama o nome do eleito e declara-o legítimo rei do Congo.

Então o eleito vai prostrar-se ante o prelado e jura nas suas mãos que viverá como católico e que derramará o sangue, se for necessário, pela verdadeira fê; que esquecerá qualquer ofensa pessoal, que administrará rectamente a justiça e que será um verdadeiro pai para todos. [...] O prelado, «então, toma o rei pela mão e, depois de o fazer sentar no trono, entrega-lhe as insígnias reais e põe-lhe a

⁽⁷⁾ Vid. *L'Ancien Royaume de Congo*, Bruxelles, 1946, ip. 252.

coroa sobre a cabeça. Entretanto, todo o povo, prostrado no chão, conforme o seu costume, o reconhece como rei.» (8).

O cerimonial da eleição e coroação dos Reis do Congo, segundo os autores citados, atenta principalmente na parte religiosa, introduzida pelos portugueses, mas resta silenciosa sobre o significado do cerimonial tradicional e das insignias entregues ao novo soberano pelo prelado ou seu vigário.

Ficámos, assim, privados de um dos mais interessantes capítulos da etnologia histórica, sob o capcioso pretexto de que se tratava de «cerimónias ridículas» ou «pagãs». A verdade é que, como observa Balandier, o cristianismo é concebido no Congo «como um meio suplementar de reforço, não como uma religião exclusiva das velhas crenças». O cerimonial cristão, nesta linha de pensamento, consiste apenas em ajuntar uma solenidade nova à solenidade histórica da tribo, sem que haja uma autêntica transformação do sentido da instituição antiga. O Mani-Gabunga ou Nsaku ne Vunda, detentor do poder religioso, é o principal eleitor dos Reis e o sacerdote tradicional da coroação; recebia mesmo deles uma espécie de tributo quando da cerimónia da entronização e tomada de posse. Parece tratar-se menos de uma transformação radical operada pelo cristianismo, no conceito indígena, do que da coexistência da cultura local e da cultura europeia, da mentalidade cristã e da mentalidade ancestral, no plano religioso. No fundo, como nota Balandier, trata-se de facto de um mal-entendido ou de um equívoco.

Afirma Barbosa Machado (s. v. *André Cordeiro*) que o cónego da Sé do Congo André Cordeiro, deixou manuscritas duas relações, que estavam na posse do chantre da sé de Évora, Manuel Severim de Faria, assim intituladas:

Relação do alevantamento de D. Affonso irmão de el Rey de Congo D. Alvaro segundo; e outra da morte do mesmo Rey, e eleyção, que se fez de D. Pedro duque de Bamba o que tudo succedeo em Janeiro de 1622.

(8) *Descrição Histórica dos Três Reinos Congo, Matamba* © Angola, tradução, notas «e índices do Padre Graciano Maria de Leguzzano, O. F. M. Gap. Lisboa, 1966, I, p. 223-224.^

Possuímos as duas relações, mas interessa-nos apenas, agora, a segunda. Para Barbosa Machado não resta dúvida acerca da autoria: André Cordeiro, cónego da catedral do Congo, provisor e vigário geral desta diocese. Sobre a possie de Severim de Faria, Barbosa Machado não hesita: «Estas duas Relações se conservavaõ na Bibliotheca do insigne antiquario Manoel Severim de Faria Chantre de Evora»⁽⁹⁾.

Estas duas relações conservam-se actualmente, no texto de Severim de Faria ou noutra cópia, no Arquivo Romano da Companhia de Jesus. A segunda, que aqui nos interessa, cremos nunca ter sido publicada no texto português, tendo visto a publicidade em tradução francesa em 1968 i⁽¹⁰⁾.

André Cordeiro, «sacerdote casuista», recebeu carta régia de concessão na sé do Congo, por promoção de Vicente Dias Milheiro à dignidade de Chantre, dada em 9 de Fevereiro de 1610 C⁽¹¹⁾. Profundo conhecedor da história do Congo, onde viveu largos anos, devemos-lhe ainda uma carta escrita do Congo, em 1624, sobre a história dos reis do dito reino, que publicámos em edição correcta em 1956 i⁽¹²⁾. O cerimonial que nos deixou da eleição e coroação dos Reis do Congo, em concreto de D. Pedro II (1622(4624)), apesar das suas lacunas no que respeita ao significado de certas insígnias, é o documento mais notável que se conhece sobre este interessante problema da história do Congo. Sigamo-lo, pois, a *pari passu*.

A coroação dos reis do Congo, escreve o cónego André Cordeiro em Junho de 1622, é feita com muita solenidade e assim se fez a de D. Pedro II Afonso. Primeiramente juntaram-se infinitos homens e mulheres no «terreiro do paço», chamado *Embasi a Congo*. Notemos desde já que o vocábulo «Embasse» ou «Ambasse» ou «Mbazi» significa «terreiro», «praça» e por extensão «cidade»,

⁽⁹⁾ (Diogio Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, 1930 (2.ª ed.) I, p. 141.

⁽¹⁰⁾ Louis Jadin, *Relations sur le Congo et VAngola tirées des archives de la Compagnie de Jésus, 1621-1631*, in *Bulletin de VInstitut Historique Belge de Rome*, t. XXXIX (1968) p. 370-388 e 38-56 dia Separata.

⁽¹¹⁾ Torre do Tomba — *Chancelaria da Ordem de Cristo*, liv. 9, fl. 315 v. Vid. o nosso trabalho, *Para a História do Cabido de Angola e Congo*, in *Boletim Geral das Colónias*, n.º 210 e Separata. ;Sobre a personalidade do André Cordeiro Vid. a nota ⁽³⁾, p. 37 dia Separata.

⁽¹²⁾> *Monumenta Missionaria Africana*, Lisboa, 1956, VII, p. 291-297.

tomando o todo por uma parte. Era nesta praça ou terreiro, que ficava então e fica ainda hoje o «paço» ou residência dos reis do Congo. Todos os actos importantes da vida cívica, judicial e mesmo religiosa se realizavam na praça pública de S. Salvador.

Os grandes e titulares do reino sentados em seus lugares, em cadeiras e alcatifas aqueles que delas podem usar, e os mais no chão em suas *vungas* ou esteiras de palha, ficava no meio, limpo e desembaraçado o «terreiro» e de frente deles um cercado de pedra e cal, de dois ou três palmos, chamado *hiena*, do termo *livena*, que significa casa. Antigamente, adverte André Cordeiro, tinha este recinto seus baluartes de quatro ou cinco palmos de altura, e dentro dele uma formosa casa de pedra e cal coberta de telha, feita de arcos, tudo hoje, isto é, em 1622, muito danificado.

Neste lugar está posta a alcatifa e cadeira real vazia ; a que agora se pôs era do Dias — ignoramos a quem possa referir-se o autor da relação — mui grande, redonda, que parecia ter sido feita para tenda; a cadeira de veludo carmesim, toda franjada de seda e oiro; de uma banda e da outra os fidalgos, tendo nas mãos as insígnias reais, cobertas com panos de seda. O alferes-mor sustenta o guião real com as armas do Congo, que el-Rei D. Manuel de Portugal mandou a D. Afonso, as quais são cinco mãos com cinco espadas num escudo arrimado a uma cruz e hábito de Cristo, em memória das mãos que este santo rei viu em seu favor, jogando infinitas espadas, que faziam grandíssima matança em seus inimigos, na miraculosa batalha que teve com seu irmão gentio, em 1506.

Armado um altar com um Cristo crucificado, pedra de ara e missal e candeias acesas, vai proceder-se ao rito da eleição e coroação do rei. De trás da cadeira real estavam os *cumbis*, uma espécie de flabelos, que são, explica André Cordeiro, uns paus de sete ou oito palmos de altura, com uma maçã muito bem feita, mui bordada de seda e oiro, com umas frestas, com muitas meadas de fio de palha dependuradas, a modo de linhas, que fazem uma grande roda a modo de manga de cruz e nessas linhas ou fiado dependuradas muitas penas de papagaio e de outros pássaros; a haste deste pau é guarnecida de seda e cravejada com pregos de latão <⁽¹³⁾. Da *luena*

⁽¹³⁾ Olivier Dapper, na *Obt. cit.*, ip. 331, publica uma gravura em que se vêem os citados *cumbis*. 'Noutra gravura do ml esmo autor, sempre da edição francesa da sua obra, p. 354, mosibra o aparatoso cenátio dia coroação, mas

para fora fioam os *dembos* e *engomas* ⁽¹⁴⁾ e todo o instrumental de som. Ali está colocado sobre urna *vunga* ou cobertor de paño o *engoma* a que chamam *simbo* e *buto*. Este tambor é forrado de pele de onça e do meio para cima borlado de seda e oiro, intervalados alguns dentes queixais de homens que morreram na guerra rebelados contra seu rei. Esta lei não sofre dispensa nem que se trate de irmãos do mesmo rei. Este tambor nunca sai a público senão quando o rei parte para a guerra, ou quando morre, ou quando o coroam, ou em Sábado Santo. Também ali estão três homens, cada hum com dois ferrinhos como escôparos ou cinzéis, de muito boa têmpera e de quando em quando os tocam, produzindo o som que faz o ferreiro quando dá com o martelo em vão na bigorna. A este martelo chamam *zundo* e é insígnia real mui antiga, privativa do rei e do duque de Bata⁽¹⁵⁾.

Outro homem, coberto do nariz para baixo, toca um apito que emite o som que fazem uns pássaros a que em Portugal chamam verdizelos ou verdilhões; chamam a este *engoma*, *sembo ansuri* e só o rei se pode servir dele ⁽¹⁶⁾. Não faltam os *mpungi* e os *ngonga* ou *bungas* ⁽¹⁷⁾ e tudo o mais que se usa na paz e na guerra.

Tudo isto aparelhado e postos todos em profundo silêncio, levanta-se o duque de Bata ou, não estando ele presente, como aconteceu em 1622, o Mani Vunda — o chefe religioso tradicional, alta dignidade na hierarquia indígena — e faz uma prática mui bem consertada, na qual relata as grandezas do rei falecido e o muito que todos

não se veem os *cumbis*. Vid. *Monumenta Missionaria Africana*, II, 320-321 e VIII, 288/289.

⁽¹⁴⁾j INdembo e Ngoma, espécies de tâ-tâ ou tambores africanos.

⁽¹⁵⁾ *Nzurdu* ou *Nzundo*, significa martelo de ferreiro. O P. iMertens, *Ob. cit.*, /p. 81, fala também da sita insígnia dos chefes coroados. Diz que podem pesar até um quilograma e que sob a forma de grossos pregos se encontram nas mãos dos ferreiros e não na dos chistes. Os ferreiros servem-ise deles como martelo e bigorna. Os chefes coroados possuem um modelo reduzido e mais portátil, pois têm de trazer tais objectos consigo, um em cada mão, leritre o polegar e o indicador. Um profano não pode fazer soar os *nzundo* ou *nzundu*.

⁽¹⁶⁾ *JV.sembo ansuri* significa o apito do ferreiro.

⁽¹⁷⁾ *Mpungi* significa dente de elefante, que serve como instrumento musical. O *ngongi* é uma campainha que pode ser simples ou dupla, que o ferreiro faz com o ferro de enxadas velhas. Quando o chefe coroado prova o vinho de palma deve alguém tocar estes instrumentos, sucedendo o mesmo quando os estrangeiros visitam a aldeia. Cfr. J. Mertens, *Ob. cit.*, p. 80-81.

lhe ficaram obrigados pelo amor com que sempre os governara e outras coisas a este propósito.

Vai em seguida sentar-se na sua cadeira. Começam então a tanger os *dembos*, os atabales, os *engomas*, os *pungues*, (mpungi) e todo o instrumental de música, que produz um som triste, tão triste, tão triste que ainda àqueles que o não entendem causa tristeza. Isto durante doze vezes, nem mais nem menos, para mostrar que as doze gerações do Congo, procedidas dos primeiros reis, choram e a todas pesa a morte do rei; serve também para comunicar a cada um deles que se encontra vago o trono real e que vejam a quem convém de direito para lho darem.

É esta uma cerimónia mui sentida. Acabada ela fica tudo em silêncio e volta o duque de Bata ou o Mani Vundia a tomar a palavra, dizendo que já vêem que está vaga a cadeira do Congo e como é necessário provê-la em pessoa digna e que bem os possa governar, conforme as suas leis e estatutos, e que vejam bem a quem a dão, pois uma vez dada nada mais lhe resta que obedecer a seu rei; que vejam, principalmente, que deve ser grande cristão, para dar a todos exemplo. Com outras muitas coisas a este propósito conclui a prática e volta a sentar-se no seu lugar.

Logo tanger os instrumentos, mas em som de festa. Volta em seguida o orador e diz que o rei defunto lhe deixou nomeado quem os governasse — se acaso o deixou — e que, por ele ser pai de todos, têm obrigação de o aceitar. Em caso contrário, diz que na terra há príncipes descendentes de seus reis, e que deles hão-de eleger um para seu rei e senhor. Torna a sentar-se e tanger os músicos com muito mais festa. Isto acabado, levanta-se novamente o duque de Bata e o Mani Vundia e vão à cadeira em que está o eleito, nomeando-o primeiro ao povo, que responde com muita festa, que esses querem. Tomam então o eleito pelas mãos (e trazem-no à cadeira real.

Este o cerimonial tradicional. Todavia, escreve André Cordeiro, quando da eleição de el-rei D. Pedro II e na passada de D. Álvaro III (1615-1622)¹ não se fez assim, mas da seguinte maneira.

Os fidalgos chamaram ao reverendo padre protonotário Brás Córrela, o qual com Mani Vunda levaram pelas mãos o eleito para a cadeira real, Brás Córrela pela direita e Mani Vunda pela esquerda. Antes de o assentarem na cadeira jurou sobre o altar, pondo as mãos no livro dos 9antos Evangelhos, de guardar, bem e fielmente,

o que deve guardar um rei cristão, «com outras muitas couzas que ali hé costume jurar». Pena é que o nosso autor não tenha descido à porrriênorização dos juramentos feitos, de grande interesse para o nosso estudo.

E logo o levaram, feito o juramento ritual e segundo o cerimonial cristão, e o assentaram na cadeira real. Aqui começa o rito da investidura das insígnias reais. A primeira coisa foi pôr-lhe na cabeça «huã oarapussa branca», diz André Cordeiro. A esta carapuça chama a *História do Reino do Congo*, escrita cerca do mesmo tempo, *ampu* e o bispo D. Frei Manuel Baptista *impud* no seu relatório à Santa Sé, de 16 de Novembro de 1619⁽¹⁸⁾. Infelizmente a curiosidade ou o interesse etnográfico do cónego André Cordeiro não anotou de que tecido era feito o barrete imposto ao rei. Não há dúvida de qu'e a descrição de Pina e sobretudo a de Barros, é mais exacta e mais conforme com a realidade: «hum barrete alto como mitra, feita de panno de palma muito fino, e delgado, com labores altos e baixos, a maneira que ácerca de nós hé a tecedura de cetim avelutado».

Em seguida deitaram-lhe uma cadeia de ferro muito bem feita ao pescoço e esta com muitos pingentes, também de ferro. A esta cadeia chamam *simba* e tem o significado seguinte: assim como a mulher que tem filhos os leva às costas — comparação ao vivo, africana — assim ele não é rei senão pai, e que assim há-de querer a seus vassallos como a filhos e os há-de trazer sempre carregados, isto é, às costas. Deitam-lhe a cadeia a tiracolo, do ombro direito por baixo do braço esquerdo. Esta insígnia, afirma André Cordeiro, é muito antiga, e só a pode trazer o rei, o duque de Bata e Mani Vunda, por serem avós de el-rei.

A segunda insígnia que lhe deitam ao pescoço >é uma bolsa feita de brocado, com cordões de seda, a que vulgarmente chamam o *Santíssimo Sacramento*. A explicação fornece-no-la o nosso historiador: é que no *tempo* del-rei D. Diogo ((;1545-1561) lhe mandou

[⁽¹⁸⁾ *História do Reino do Congo*, IMs. 8080 dia Biblioteca Nacional de Lisboa, cap. 19, que vamos publicar na revista *Stvdia* de Lisboa. A nossa leitura *impud* no texto original do códice 55 do Arquivo Geral da Companhia de Jesus, fl. 17, não ófereoe dúvida, mas é possível que haja corruptela da parte do prelado e quile deva dizer-se *impua*. O padre J. IMertens chama-lhe *mpu*, *Ob. cit.*, p. 73. Vid. *Monumenta Missionaria Africana*, VI, p. 413 e segs. e 378, em documento de 7-9-1619, em que o bispo também lesceve *empud*.

o Papa urna bula de muitas indulgencias, tendo tabernáculo com o Santíssimo Sacramento na sua igreja. D. Diogo meteu a bula nesta bolsa, pendurou-a ao pescoço e ordenou que todos a trouxessem, ficando assim por insígnia real, de que fazem muita conta.

A terceira insígnia: meteram-lhe no braço direito uma *ma lunga* de ferro doirado inteira, dizendo-lhe que aquela *ma lunga* significa o reino que lhe dão, que é inteiro e que inteiro o há-de deixar; e que assim como a *ma lunga* é de ferro, assim é o reino de ferro, que por isso se chama *Congo riactari*, que é o mesmo que Congo de ferro.

Verificamos diferenças de certa importância no rito de 1622, se o compararmos com a descrição que nos deixaram os cronistas: «no braço esquerdo hum bracelete de latão» i(Darros), ou, segundo Rui de Pina, «no braço esquerdo hüu bracelete de marfim». Para João de Barros a *ma lunga* ou bracelete de D. João I do Congo, era de latão, que é uma liga de cobre e zinco e para Pina a *ma lunga* era de marfim. Optamos, sem a menor dúvida, pela versão de Barros, já que um bracelete de marfim, por mais artístico que possa ser, não terá nunca o profundo significado do bracelete de latão, de Barros, >e muito menos do bracelete de ferro da descrição de André Cordeiro, testemunha ocular da cerimónia.

Outra diferença a notar ainda: os cronistas são unânimes na indicação do braço esquerdo do rei como portador do bracelete. Para André Cordeiro esse braço é o direito. O Padre Mertens, no seu bem elaborado inquérito, diz que os braceletes (*nlunga*) são «anéis de ferro» que os chefes trazem «en règle très générale au bras gauche». O braço esquerdo não parece, portanto, ter o privilégio absoluto. Todavia só excepcionalmente assim não é. A importância dada ao braço esquerdo, provém do facto de este braço se chamar *koko di kikento* i (braço da mulher) e significa a preponderância da filiação uterina ⁽¹⁹⁾. Para o cerimonial de D. Pedro II, não temos dúvidas, dada a objectividade e directa interferência do cronista, de que tenha sido metido o bracelete no braço direito do rei. A regra do braço esquerdo, como vimos, sendo embora a normal, não era absoluta.

Continuando o cerimonial, colocam no braço direito do rei um *enullo* mui bem guarnecido, que é uma espécie de fita ou braçadeira,

⁽¹⁹⁾ J. Mertens, *Ob. cit.*, p. 68.

cujo significado não vemos explanado. Entregam-lhe na mão direita um arco muito bem feito e o pendão das armas reais, que el-rei passa logo ao alferes-mor, fazendo com cada insígnia suas cerimónias e explicando o que cada uma significa. Infelizmente o cónego André Cordeiro é omissos tanto no cerimonial como na explicação do seu significado.*

Acabada a cerimónia começa o grande instrumental de música e soltam-se gritos de alegria e logo os duques, marqueses e grandies do reino, bem como todos os fidalgos vão beijar a mão ao novo rei, que deste modo é aclamado. Todos batem palmas e gritam de alegria e vão-no acompanhando até aos paços. No caminho por onde passam estão os *dembo*s, que são um modo de atabales muito grandes; tem o rei obrigação de os tocar com a mão, dando algumas pancadas, fazendo aos tangedores uma mercê. Acaba-se este auto, escreve o cronista, com meterem el-rei de posse de seus paços.

Acabada a coroação fazem grandes festejos, assim os fidalgos como as matronas.

Em domingo, 29 de Maio de 1622, saiu el-rei D. Pedro e foi à missa cantada na catedral e enquanto alevantaram o Senhor e assistiram à missa esteve sem a carapuça branca, o que pela primeira vez no Congo se viu, porque naquela carapuça têm a sua proeminência e símbolo do poder e cuidam que em a tirando não ficam sendo reis e na procissão eucarística que se seguiu à missa conservou-se igualmente descoberto, não consentindo resguardar-se com chapéu de sol.

Recorde-se, a este propósito, a luta improficua do bispo D. Frei Manuel Baptista, para que o rei do seu tempo, D. Álvaro III, estivesse na igreja de cabeça descoberta: «ElRey e os titolos trasem huãs oarapushinas a que chamaõ *empud*, que não tirão, nem ao Santíssimo Sacramento (posto que eu melhorey este abuso) *mas naõ oõ ElRey*», escreve o prelado ao rei de Portugal, em relatório de 7 de Setembro de 1619 (20). No seu relatório ao Papa, de 16 de Novembro do mesmo ano, o bispo do Congo refere-se igualmente ao mesmo assunto nos seguintes termos: «Rex de Congo oaeteriqu'e certum birreti genus quod *impud* uocant in capite deferunt, quod neque in Ecclesia, neque coram Sacrosancto Euchristiae Sacramento deponere solebant; hunc tamen abusum Episcopus Emanuel ab

(20) *cf. *Monumenta Missionaria Airicana*, VI, p. 378*

omnibus, *excepto Rege*, extirpavit, exortando, deprecando, *et impetrando*» (21).

†*

No cerimonial da eleição e coroação de D. Pedro II Afonso, descrito pelo cónego André Cordeiro, a sacralidade do rito, como rito cristão, aparece-nos bastante diluída. Sem dúvida ali temos o altar, o crucifixo, a pedra de ara, o missal, as velas acesas. Sem dúvida ali vemos o cónego Brás Correia a tomar parte activa no cerimonial. Sem dúvida vemos que o rei, depois da coroação na qual não entra qualquer coroa mais sim o famoso barrete ou capucha tecida de rafia, assiste a uma missa solene na catedral e a uma procissão eucarística. Sem dúvida que o vemos jurar sobre os Evangelhos que bem e fielmente cumprirá os seus deveres de estado. Mas tudo isto, parecendo muito, é muito pouco para que possamos falar com propriedade de *sagração* ou *unção* dos reis do Congo.

Frei Raimundo de Dicomano, na relação enviada ao Governador Geral de Angola, com a data de 30 de Janeiro de 1798, afirma que o novo rei eleito não pode exercer função alguma, se não for coroado por um padre. Não pode sequer construir a sua cabana de palha nem ocupar o lugar próprio dos reis(22). Mas a intervenção do capuchinho no cerimonial religioso pode dizer-se nula.

A descrição de Frei Querubim de Savana, de 1775, no aspecto religioso ou da interferência do sacerdote no rito da coroação é mais vincada. O sacerdote *benze* todas as insígnias reais e é ele próprio quem com elas reveste o novo rei, exortando-o a servir-se delas para glória de Deus e defesa da fé e do seu povo. É ainda o sacerdote que lhe ordena que faça os três juramentos rituais: 1.º Não praticar nem deixar praticar a idolatria a seus súbditos, nem os juramentos e provas do Baú e da Encazza; 2.º Jurar fidelidade à Igreja Romana; 3.º Manter a paz com o rei de Portugal.

Quando deste cerimonial, o rei conserva-se de joelhos diante do altar. No fim o sacerdote exorta o povo à obediência e submissão a seu rei, em tudo o que não for contrário à lei divina. Coloca a estola sobre a cabeça do rei, abençoa-o com o sinal da cruz, levanta-o

(21) Cf. *Monumenta Missionaria Africana*, VI, p. 422.

(22) Cf. *Ob. cit.* na nota (3), p. 327.

e condu-lo ao trono real, mandando-o assentar. Despede-se dele, faz-lhe uma reverência e volta para o seu hospício (23).

O último cerimonial de eleição e coroação de reis do Congo, realizou-se em S. Salvador do Congo, em 9 de Setembro de 1962, na pessoa de D. Pedro VIII Nemuanga, que faleceria pouco depois, em 4 de Novembro do mesmo ano. Foi coroado pelo Governador do Congo, com a assistência religiosa do capuchinho Padre Giancarlo da Mestre, em representação do arcebispo de Luanda, D. Moisés Alves de Pinho, C.S. SpJ(24).

Do exjame dos documentos mais significativos que possuímos, desde fins do século XV até finais do século XVIII, podemos verificar que o cerimonial ou rito da eleição e coroação dos reis do Congo foi evoluindo através dos tempos, com a intervenção do sacerdote católico e do «sacerdote» tradicional, o Mani Vunda. Tratando-se da eleição e coroação de reis cristãos, a interferência da Igreja não se estranha, é antes natural. O papel desempenhado pelo Mani Vunda, também cristão, e portador, também ele, de um «sacerdócio» especial no rito da coroação, não nos parece perfeitamente claro, mas é inegável. O certo é que a sua intervenção, no século XVIII, era ainda essencial. Fica ainda largo campo à investigação histórico-sociológica e à antropologia cultural, para perfeito esclarecimento deste interessante problema.

PADRE ANTÓNIO BRÁSIO, C. S. Sp.

(23): 'Cf. *Obr. cit.* na nota (2), p. 407 e 61 da Separata.

(24): ¶Europeizado pouco a pouco, o cerimonial antigo perdeu quase de todo o seu interesse histórico. Os rdi® do Congo perderam o seu antigo prestígio e poder e com eles a aura que o rito da eleição e da coroação lhes dava. O surto terrorista do norte de Angola, em 1961, veio vibrar um golpe fatal na antiga tradição, quis só muito tarde e muito dificilmente voltará a ser restaurada, pelas implicações políticas com que pretenderam, de além fronteiras, desvirtuíá-lo.

I

**Relação da morte do Rei de Congo, e da eleição
que se fez em dom Pedro duque de Bamba.****(Junho de 1622).**

[170] Estava o aleutamento do infante dom Affonso em pior estado do que esteve o ano passado, porque uen'do 'a ted Rei ;sieu irmão mal quisto com os fidalgos je que por essa trazad não ouzava a jr contra elle com guerra, começou a solicitar as vontades dos fidalgos *Môhacas* do estado de Sunde, dalem do Rio Singa, miandandOlhe dadiuas e ao principal, que hé Mani Binza, lhe mandou huía alcatifa e cadeira, pedindo muito a todos lhe desem entrada naquelle ducado, matando primleiro a dom Paulo, que estava por lugar ;tenente do Duque de Sunde, que por ser menino não gouemaua: jsto não aseitarão os fidalgos, antes Mani Biza mandou a EIREj a alcatifa e cadeira, que o dito infante lhe tinha mandado, dandolhe conta de tuido o que lhe mandara dizer: com. esta noua sangou (x) EIREj de guerra, dizendo que siem duuida auia de ir a pelejar com dom Affonso. A jsto incitarão muito os fidalgos assistentes lem corte com tenção, conforme se isospeitava, de o matarem no caminho ou no dia que se desse a batalha, e depois acabarem tam bem com Dom (Affonso, porque tanto bem querião a hū como a outro; isto soube EIREj de maneira que com ser tão aremeçado (la) como era, desimulou con a ida, mandando de nouo chamar ao duque de Bata, de quem tinha as mesmas sospeitas, e ainda muito mais uehemerttes, porque se dizia que elle sustentava o infante, elle (1.b) aconselhava não obedesse. Mandou tam bem EIREj chamar a dom Paulo, que estava por lugar tenente de Sunde, o qual logo ueio, mas o duque de Bata se escuzou como costumiaua, mandando cantidade de panno9 pintados finos.

A quinze de Janeiro deste iprezente anno, como fez EliRej marquês de Pango a hū sobrinho de Dom SebastiaÕ Quinanga Quansanti, duque que foi d? Sunde, por ser natural daquieJlias partes, e serem os fidalgos de Pango quasi todos iseus parentes, entendendo que por isso o recebenaõ por stenhor, e prenderiaõ ao infante Dom Affonso. Não socedeo assim, antes este nouo Marquez chegando ás 'primeiras terras de seu senhorio chamadas a Mouoca, não pasou dahj nem se 'altreueo nê os fidalgos de Pango seus parentes lh»e mandarão recado nhū, antes mandando elles hūs seus criados com recado a fazerlhe saber como era Marquiez, foraõ tomados por Dom Affonso e degolados, couza quie atemorizou mujto ao nouo Marquez; logo o fez saber a EIREj, que não fez mais que sangar.

Aconteceo esta quaresma o que há muitas que neste Rejno não aconteceo,

C¹) *Sangar* em quicongo significa *dançar*, convocar os Ssus para a dança de guerra ou exercicios militares.

í!**)! Violento, impetuoso, precipitado.

l^(1.b)! SLeia-se: lhe.

que fod em toda ella não sangar ElRej, auendo muitas couzas (sic) com que o pudera fazer, e com muito menos ooazioês o fez outras uezes; de todos os fidalgos que mandou chamar ElRej nhũ ueo mais que Mani Encuçõ, que tem seu senhorio nos Mongos de 'Candía, escuzandosse os mais, e não lhe ualeo para acolher a Dom Bernardo Mani Pemba mandarhe dizer que o queria fazer Duque de Surndi.

Em primeiro de Março chiegou o P.^e Chantre Vicente Dias Milheiro de Sonho, e trouxe por nouas que Dom Antonio Manoel, meio jrmão dei Rej, ®e não queria reduzir, niem menos aseitou o perdão, dizendo que elle não tinha feito mhuã couza contra ElRej, e que asi não tinha que lhe perdoar.

! [170 v.] A doze de Abril á tarde sangou ElRej mujto, te não se sabia o porquê; acabado o sanga mento mandou dizer ao Reulerendo P.^e Protonotario Braz Correa, que sangaua porque seu jrmão Dom Ambroziio o queria matar com feitiços e pesonha que compara a hu portug[u]es na marima de Sundi aonde tinha huã renda, e que lhe mandaua hüs carneiros que traziam a pesonha, para que en comiêdoos mor ese. O dito P.^e Protonotario lhe mandou dizer entre outras couzas com que o desimaginou, que se os carneiros estauão uiuos que lhos mandasse, que elle os comeria, e que Claramente ueria entað que os carneiros trazendo dentro pesonha não podião uiUer: con 'tudo o que se lhe disse, mandou prender a 'Dom lAmbrozio aonde estaua, não lhe ualendo ser seu jrmão, filho de sua mãj.

Logo a dezoito do dito mez ajontou elRiej os fidalgos da corte, e tratou com elles que queria tom'ar a mandar guerra contra o jnfante Dom Affonço, e que para isso queria fazer general da guerra a Dom Juirdão Mianoel, dandolhe o marquezado de Pango. lAo que ele respondeo que iria com a guerra como lhe era mandado, mas que lhe auiaõ de dar o ducado de Sundi donde o tinhaõ tirado; e sobre jsto ouue muitas razoes, que chiegou ElRej a prometerlhe o ducado de Sundi depois da jornada; e elle aseitou con Condição que auia de leuar a guerra por terras de ISundi, e não pollas de Pango; e com isto se acabou o conselho, e logo ao outro dia lhe tirou a renda de Qembo, e a deu a Dom Paulo, que foj Mani Sundi; dahi a poucos diaz socedeo mandar ElRej diZeT a dom Jurdaõ Manoel largase hüs chaõs que tinha, a outra pessoa, e elle respondeo que os não auia de largar e sobre isto sangou ElRej dizendo que o auia de ir matar; e dizem que iDom Jurdaõ disera que se lá hia que lhe auia de tirar ⁽²⁾ com hũ pelouro. Porem El Riej o não foi buscar.

Sabado, deradeiro de abril, foj El Rej a são João, como muitas uiezes costumaua, a ouuir missa, ad ⁽³⁾ quai disse o Conego Manoel Uiedra, e á uinda mandou que o P.^e por andar doente uiesse na sua rede, le elle se ueio a pé, e dizem que já se queixaua de huã pontada, a que elles ordinariamente chamaõ *empiaque*. Domingo ®e diuulgou polia Cidade que El Riej estaua doente, mas 'entenderão todos que Seria a doença de pouco perigo. Segunda feira dous de Maio, o forão uizar os capitulares, e elle mandou dizer que estaua recolhido, e que não podia uClois nem falar com 'elles. Terça feira, tres do dito, foi o reuerendo P.^e Protonotario Braz Correa uizitalo, e o achou

⁽²⁾ Leia-se: atirar.

⁽³⁾ Leia-se: a qual.

muj afligido com hũa dor de esltamago com pontada na parte direita, e uendoo daquella maneira mandou chamar hũ pottug[u]ies que entendia nlgũa couza de doenças, o quai o mandou sangrar, ie tirarihie muito pouco sangue, e esse muito ruim. Quarta feira, a quatro do dito pola menhã se confesou, e ouuio missa ajudandoa, e comungou, e dizem que com mostras darepindimento, e no mesmo dia, das onze para as doze, asentado em hua cadeira deu [a] alma a IDEos; queira elle por sua mizericordia tello na gloria.

Hé couza já muito serto neste Rejno em morte de Rej auer grandes reuoltas esim entre os fidalgos como entre a gente popular, estes por roubar, e aquelles por fazer Rej conforme a suas pertel[!n] ções, e por se uingarem hūs do® outros, e porque geralmente mais atentaõ para o bem particular de cada hũ delles, que para o comũ /e geral; nestas reuoltas socedem muj de ordinario mortes, crueldades e rO[u]bos, em que hé muj serto entrarem os portug[u]ezes que nestas partes andaõ, com sua parte; o que polia mizericordia '[171] de Deos não ouue na morte deste, auendo mujto mais orações, e vrgentissimas ouzas que estauam ameaçando huã grande mina; foi tão grande a quietação, paz, e concordia, que ainda hoje nos não acabamos de marauilhar, porque plesia que ma terra não faltauam Rej, as feiras se faziaõ muito melhor que quando o auia, ninguem deixou de caminhar e fazer o que lhe era necessario: isto se deue ao entendimento, zelo e autoridade do reuerendo P.º Braz Correa, que trabalhou de maneira com os grandes do Rejno, e mai® fidalgos, fazendo lhes praticas leficasissimas em publico, e em secreto, que não somentes os fez ter paz, o quietação, perduandosise hũ® aos outros os antigos odios que se tinhaõ, mas ainda os reduzio a huã onião tão perfeita que maõ aura entre elles mais que huã uontade, e hũ querer: sendo asi que estauão tão separados que se não achauão dou® de hũ paireser. E era couza imposiuel estando naquella forma deixarem de se mataré hūs ao® outros, //

Logo em Ed Rej espirando os *Membaoasis*, que são os fidalgos grandes da corte, a saber, Maniuunda, Mani Ololo, Mani Oembo, etc., mandarão tocar *mosumas*, que são chocalhos oom que se dão os pregões, dizendo que todos se aquietasem, e não ouuesse furtos nem se fizesse agrauo a ninguem, porque posto que El Rej era ido a bingar (4) a *Sambo Amptingo*, que ali estauão elles em seu lugar para fazerem justissa, e que todos se ajuntassem ao outro dia para se acharem no enterro del Rej.

Quinta feira da Assenção (5) de nosso Senhor Jezu 'Christo se ajuntou no terreiro de *Embasi a Congo* tão grande numero de gente que era couza para uer, e nhũ trazia armas, porque asi se foi deitado o bando, e *só os portug[u]ezes traziaõ suas espadas; e couza de noue horas, ordenado todo o necessáριο para o emterro, foj leuado El Rej á sua capella de ;Santiago, aonde sie mandou enterrar na maneira seguinte: no principio da procissão hia Mani Ando com a cadeira del Rej, que era de ueludo cramizim franga[da] de ouro, e outro com '[a] alcatifa, e outro com a almofada em que d Rej poem

(4) Em quioongo *bingar* significa *pedir* e por extensão *rezar*. INo Paraná (Brasil) significa pedir de porta em porta, não por amor de Deus, mas com arrogância e de forma impositiva. O termo foi para o Brasil levado pelos escravos originários do Congo.

(5) Dia 5 de Maio.

os joelhos nía jgreia; logo 09 trombeteiro® le atabaqueiros e hü só com huã trombeta muj rouca tangia de quando em quando, tocando hü atabaqueiro em hüa *engoma* em sertos passos que faziaõ emristeoeer a todos: logo se seguia hü homem que tange hü apito que toé insignia real, e 'lhe ctoamaõ *Sembo Ansuri*, e faz o ison como o cantar dos uiirdiselos: tam bem ali hiaÕ as mais jnsignias que costumão hir quando Etl Rej uaj fora: logio se seguia a bandeira da Sancta Misericordia com sua irmandade, as Cruzes das confrarias, a clerezia e cabido, no remate leuauão a El Rlej seis fidalgos em hü andar (*sic*) sobre hüa alcatifa, e almofadas de ueludio; hia armado a seu modo e em sima o manto da ordem de 'Christo com hüa cruz de prata no peito atreu/esada com hüa seta, que hé o habito que El Riej Dom Sebastiaõ mandou ao® iRejs de Congo, leuaua hü treçado muj bem guarnecido, e em sima de tudo hü escapulario e capello da ordem da Sanctissima Trindade, e de tras do andar ⁽⁶⁾ hia grandissima multitudão da gente, e asi oom esta ordem foi leuado á sua capella aonde se lhe fizieraõ as onrras daqueile dia, e foi sepultado na capella mor á banda de Epistola, porque seu paj está na do Euangelho: todo o acompanhamento tomou até o terreiro do passo, aonde se -pos a 'alcatifa e cadeira real no lugar aonde se costumão sentar os Rieis, o 'ali esteue hü pedaço.

A primeira ouza que fizeraõ os fidalgos foi auizar aos duques, e mais senhoras, que assistem em suas terras, da morte del Rej, e chamándoos a todos para [171 v.] se acharem na eleição do que de nouo auiaõ de fazer. Sabado, que foraõ sete de Majo, ouue grande reuolta entre os fidalgos sobre quem auiaõ de fazer Rej, e chegou o negocio a tanto que tintoaõ feito quatro parsialidaides, ao que acodio o reuerendo P.º Protonotario Bras Correa, que se elle faltara este fora hü mizerauel dia para este Rejno, chamando aos fidalgos todos para a sancta Séé, laionde com o reuerendo cabido os esperaua, e ali lhes fez huã pratica muj erudita, chea de muitos exemplos da Sagrada Scriptura, e historias humanas, encaminhando tudo á paz, amizade e fidelidade que deuião guardar entre si, e a conformidade que deu'iao ter e emleger hü só Rej que os gouernase, trazendolhe á memoria o auer taõ poucos diaz que não podião sofrer hü, como agora queraõ fazer quatro, que uissem o mal que faziaõ para si, e olhasem o mizerauel estado da terra, e que conforme a isso buscasem o R'elj.//

Diselbe com muita clareza ali em publico, como já lhe tinha dito iem secreto por uezes como o Rejno era do filho del Rej morto, auido de legitimo matrimonio, e que isto guardaua toda a christandade, e que elles com boa consciencia lho não podião tirar; em fim acabou sua pratica com lhe pedir se aquietasem quinze dias, em os quais chegarião <os fidalgos de fora, e que todos juntos farião Rej, que temendo a Deos os gouernasse com paz: elles o concederão, e nelles mandarão fazer os officio®, e dizer missa polla alma del Rej.

Foj El Rej Dom Àluaro terceiro alto, de corpo muito bem feito, mai® cheo que falto de carnes, muito fulo ⁽⁷⁾ na cor, de muita boa prezença, amigo

1(6) CLeia-se : andor. Espécie de padiola ornamentada e portátil.

1(7) Fulo ou fulvo, cor alourada-tostada, designando os pretos de oor tirante a amarelo.

de folgar, grande motejiador, com que se fazia mal quisto dos seus; tocava de muito cubisozo, e isso lhe fazia ser hũ pouco desautorizado, fazendo uizitas desconcertadas ;⁽⁸⁾ ; ora amigo de molheres mais que aigus seus antepasados, tinha entendimento daro, porem não uzaua delle bem, era leñado da colera, e com muj poucas ocazioes ;⁽⁹⁾ tiraua as rendas aos fidalgos, e sangaua contra elles, couza que lhe trouxe muitas dezenquietaçoês; foj sempre bem afortunado em as guerras que contra etlle fizerão algüs aleuantados¹ (¹⁰) ; era muito fácil em descobrir segredos, grande gastador, e aslim deixou o Rejno muj empenhado; emfim tinha muitos uicios de mosso não bem acostumado; con tudo era amigo de ouuir missa, e não pasaua dia que a não ouuisse, e alguãs ajudaua; concertou iem seu tempo as Jgreias, e edificou de nouo a de são Domingos.//

Foj filho del Rej ;Dom Alvaro Segundo do nome, auido de huã molher que elle tomou na guerra de Maiala Mansamba, Marquez de Oembo, e neto del Rej Dom Alvaro Primeiro, e bisnetto de huã filha del Rej Dom Affonço, que, com muita razão se pode chamar o Sancto, por suas marauilhozas obras: de maneira que foj EI Reij Dom Alvaro o Tierceiro, filho, netto e bisnetto de Rej; não herdou o ‘Rejno por morte de seu paj, porque elegerão antes delle a seu thio Dom Bernardo, e por morte deste foj eleito, e foi Rej sete annos menos sincoisnta e iseis diaz, e uiueo uinte e noue annos, em os quais cazou duas uezes, a primeira com filha de Dom Affonço Antonio da Silua, duque de Bamba que foj, e delia teule hũ filho legitimo a quem chamarão Dom Alvaro, e a segunda com huã molher da caza de Sonho, de quem não teue filhos.//

iDeixou EI Rej Dom Alvaro terceiro de diferentes molheres trinta filhos, mais hũ do que tinha de annos, ainda que nisto há grande engano, porque te por honrra não negar nhũ dos que lhe dão, e asim lhie dão mujtos em que tem bem pouca parte; foj taõ mal quisto de todos os seus que por sem duuida se tem que ouerão de pôr maõs nelle e o dezriarão fazer por muitas uezes, e o não se executar foj por falta [172] de cabessa; com tudo há sospeitas uehementes que morreo de ueneno qu-e lhie deraõ.

Dous ou trez diiaz antes que morresse chegou a esta Cidade a noua da prisaõ do Capitaõ da jlha da Loanda, e foj nosso Senhor seruido por sua mizericordia que o nao soubesse, porque as pessoas que o souberaõ, uendo os trabalhos que dahi se auiaõ de seguir a estes pobres portug[u]ezes, a quem coube este desterro, o emcobriãõ o melhor que poderaõ, e não há duuida, conforme tinha a natureza, que se o soubera nos apertara muj bem; e hé gente tam aremeçada, que conhecendo nesta gente o ipouco que temem o castigo da menha ⁽¹¹⁾ e que ii>ara executarem suas uontades lhe não lembra couza que possa soceder, nem que os poderaõ deste uer como seia couza de futuro (dlãb sieus pareceres e uotos com tam boas consciencias como elles sabem, para que se fasam semelhantes couzas). Porem a isito dizem elles que se lhe dá dos *barbados* que cá andaõ que morrão ou seiaõ mal tratados,

(8) Disparatadas, inconvenientes, inconsideradas.

(9) Razões, motivos justificados.

(10) Revoltados, sublevados.

(11) Parece *lier-se menha*, que significa *água*. Duvidamos da leitura.

e já pode ser que alguns dos que agora dizem isto que já por cá andarão, e lexprementarão semelhantes tragos, não sei se folgarão; tiróme Deos de cá que leu prObes-to de não dar semelhantes uotos, ainda que seia Gapitão.

Quinta feira de Corpus Christi ⁽¹²⁾ chegou a esta Cidade bem de manhã Dom Pedro Affonço, duque de Bamba, com muita gente; uinha uestido de dó, correo as Jgreias, reseberano os grandes do IRejno com muita alegria, entrarão todos em concelho, «e elle acabado disesse a missa do dia, e fesse ⁽¹³⁾ a procição do Sanctissimo Sacramento, e ella acabada se deuulgou polia terra que tinhaõ eleito por Rej de Congo ao dito Dom Pedro Affonço e que logo o auiaõ de leuantar, e coroar por Rej e bem se uio o grande dezeio que todos tinhaõ de fazer a IDom Pedro, pois na hora em que chiegou o elegerão, e não falta quem diga que para isso o chamaraõ e teue recado de todos os fidalgos do Rejno le entendiasse que elle o naõ quizesse aseitar, e disto estauão os fidalgos muj areceozos; e asi tanto que elle deu seu consentimento logo o nomearão por Rej; e porque tem graça o modo como se faz este 'acto de coroação neste Rejno, naõ quero deixar de o escreuer a V. M. ad 'longum, e se alguãs palauras forem negras, entenda V. M. que as escieue hú homem que tem doze annos de negros.

A coroação que se faz aos Reis de Congo hé feita com muita solenidade, e asim se fez a el Rej Dom Pedro Affonço. Primeiramente se ajuntaõ infinitos homés e mOlheres no terreiro do paço, chamado Embasi a 'Congo; e os grandes e titulados do Reino asentados em seus lugares, cadeiras e alcatifas aquelles que delias podem uzar, le os mais no chaõ em suas *vungas* de palha, a seu modo, ficando no meio delles muj limpo e desembaraçado o terreiro, e de fronte delles fica hú aereado de pedra e cal, de altura de dous ou trez palmos, chamado *hiena*; antigamente esltaua este logar com muita perfeição, que tinha em os cantos seus baluartes muj bem feitos, de quatro ou sinco palmos de altura, e dentro nelle huã fiermoza caza de pedra e cal cuberta de telha, feita de arcos, o que tudo hoje está muj demi ficado.//

Pois neste lugar está posta a alcatifa e cadeira real uazia; a que agora se pôs era do Diaz, muj grande, redonda, que parece foj feita para tenda, e a cadeira de ueludo cramezi, toda a franga ⁽¹⁴⁾ de seda e ouro; /estão de huã banda e da outra fidalgos, que cada hú tem nais maõs as jnsignias reais, cubertas com pedaços de seda; e estas nomearei quando lhas forem pondo, porque então as uão tomando das maõs destas pessoas que as asim tem. Também está o alférez mor com o guiaõ real com as armas de Congo, que El Rej [172 v.] Dom Manuel de Portugal mandou a el Rej Dom Affonso de Congo, as quais >saõ sinco miaõs com sinco espadas, em hú (escudo ar[r] amado a huã cruz e abito de Christo, em memoria das maõs que este Sancto Rej em a miraculoza batalha quie teue, com seu jrmão gentio, uio em sleu fauor jugando infinitas espadas que faziaÕ grandissima matança tem seus enemigos.//

(Estaua armado hú altar com hú Christo Crucificado, pedra dara e missal, e candeas asezas: de tías da cadeira estauaõ os *cumbis*, que são hús paos de

(12) Dia 26 de (Miaio.

(13) Leda-ae: fesnse.

(14) L/ciaJse: franja.

sete ou oito (palmos de allitura, com huã maçam muito bem feita, mui borlada de seda e ouro, com huãs frestas, e delias pera baxo estaõ dependuradas muitas micadas die fiado de palha, a modo de linhas, as quais fazem huã roda muj grande, a modo de manga de cruz ⁽¹⁵⁾, e pellas linhas ou fiado dependuradas mujtas pennas de papagaios, e de outros passaras, e os homes que os tem de quando em quando lhe fazsm dar huãs consertadas uoltas, e então se espalha bem o fiado; a aste do pao h'ê guarnecida de seda, e oraegada ⁽¹⁶⁾ com priegos de latão; da *luena* pera fora ficão os *dembos* ⁽¹⁷⁾, *engomas* ⁽¹⁸⁾, e todo o genero de estromentos de muzica. Ali está pasta, em huã *minga* de panno a *engoma* a que chamão *simbo* e *buto*; hé toda forrada de pele de onça, e do micio para sima hé borlada de seda, e ouro, e tem entresachados ⁽¹⁹⁾ algüs dentes queixais de homens que morrerão en guerra aleuantados contra seu Rej. Executase esta lej ainda que seião jrmãos dos mesmos Reis; esta *engoma* nunca sai fora a publico Ssnão quando morre, ou quando o coroaõ, ou Sabado Sancto; tam bem naqudile lugar estaõ trez homens que cada hü tem dous ferrinhos do tamanho de escaparos ⁽²⁰⁾ pequenos, de muito bom temple ⁽²¹⁾, e de quando en quando os tocaõ e fazem o son como o faz o ferreiro quando dá com o martelo en uão na bigorna; a este chamão *zundo* e hé insignia real e mui antiga, que não pode uzar senão El Rej, e o duque de Bata.//

Está outro si hü homem que cuberto do naris para baxo, toca hü apito que faz o som que fazem hüs pasaros a que em Portugal chamaõ uerdizelos, e chaman lhe a esta *engoma* [^] *sembo ausuri*, e não uza délia mais que o Rej: Estão *punguea* e chocalhos e *bungas* e tudo o mais que se uza na paz e na guerra: isto tudo aparelhado, e postos todos em grande silencio, se aieuenta o duque de Ratta, le quando não está presente como agora aontececo, entra em seu lugar Mani Vunda, que hé grande dignidade; e faz huã pratica muj bem consertada, em que conta as grandezas do Rej morto, e o muito que 'lhe ficaraõ obrigados todos pello amor com que sempre os gouieclara, e outras couzas a este prepozito, e com isto se uaj asentar em sua cadeira; ie logo começão a tanger os *dembos*, atabales, e *engomas*, *pungues*, le todos os mais instrumentos de muzica, e fazem hü son tão triste que ainda aaqueUes que o não entendem cauza tristeza; isto fazem por doze uezes, ta[n]gendo de cada uez hü pouco, e a rezaõ por que se faz esta isirimonia tantas uezes, não acrescentando nem diminuindo, hé mostrar que as doze gerações de Congo, procedidas dos primeiros Reis, todas choraõ e a todas peza da morte do seu Rej, e tam bem hé commuã notificação que se faz a cada hü déliés, e como está a cadeira uaga, que ueiaõ a quem [173] conuê de diereito para lha darem.// Hé esta huã serimonia muj sentida e que paresse muito bem; acabada

⁽¹⁵⁾ Peça de veludo ou damasco de cor litúrgica, afunüada, que se ata ao cimo da haste, de pau ou de metal, que sustenta as cruces processionais.

⁽¹⁶⁾ Leia-se cravejada.

⁽¹⁷⁾ | Espécie de tambor ou tâ_tã africano,

<⁽¹⁸⁾ Espécie de tambor africano.

⁽¹⁹⁾ Entremeados, intervalados.

!⁽²⁰⁾ Cinzel, instrumento de ferro ie aço para lavar pedra, empregado no texto como ferrinhos de música.

⁽²¹⁾ Têmpera, endurecimento.

esta -serimionia fica tudo em silencio, e toma o duque dis Batta ou Mani Vunda, como já hé dito, e uaj por diante em sua pratica, dizendo que já uem, que está a cadeira de Congo uaga, je que hé necessário prouela em pessoa digna, e que os passa gouemar bem, conforme a suas leis e estatutos, e que ueiã bem a quem a diaõ, porque diepois de dada não lhe fica mais que obedeser a seu Rej, e logo diz as partes ⁽²²⁾ que deue ter o homem que há de ser Riej, e como principalmente hade ser grande chriistaõ para lhe dar a todos exemplo, e cõ houtras muitas couzas a este prepozito conclue a pratica, e se uaj asentar em seu lugar: e logo tanger outra uez muj deferentemente, porque o son hé de festa e alegria a todos: e acabado o tanger torna o duque, e dis que o Rej passado 'lhe deixou nomeado quem ois gouerniasse, se acazo o deixou, e que por elle ser pai de todos tinham obxigiaçãõ de o aseitar. E quando não ouue nomeado, diz que na terra há principes desendentes de sisus Reis, que delles ande eleger hü para seu Rej, e senhor; je tomandosse a asentar tanger de muito mai® festa; o que acabado se oleuanta outra uez o duque de Batta, e Miani 'Vunda, .e uão á cadeira donde está o que tem eleito, nomeando o primeiro ao ipouo, que responde com muita festa, e que esse querem, e tomaõ ao eleito polias maÕs, e o trazem á cadeira real.//

IMAS nesta 'eleiçãõ del Rej Dom iPedro, e na passada del Rej iDom lAluaro, foi desta maneira, que os fidalgos chamaraõ ao reuerendo P.® Protototario Bras Correa, e elle com Mani Vunda leuaraõ polas maõs 'ao eleito para a cadeira real; ia saber, o P.º polla mão direita e Mani Vunda pola esquerda, e antes de o asentaran nia Cadeira jurou sobre o altar, pondo as mãos no liuro dos santas euangelhos, de guardar bem, e fielmente o que deue guardar hü Rej ebristaõ, com outras muitas couzas que ali hé costume jurar.//

E logo o leuaraõ e asentarã» na cadeiTa real, e 'a primeira couza foj por lhe na oabessa huã canapussa branca, e logo lhe deitãõ huã cadeia de ferro muito bem feita ao peiscosso, e esta tem muitos dependurados tam bem de ferro; a esta ⁽²³⁾ chamaõ *simba* e lhe dizem que asim como a molher que tem filhos os leua ás costas, que asim elle não hé Rej se não pai, e que asim há de querer a seus uasalos como a filhos e os [h]jade trazer sempre carregados. Esta lhe deitaõ de tiracolo, do ombro direito para baxo do brasso esquerdo. Esta insignia hé muj 'antiga, e não na pode trazer mais que El Rej, e o duque de Batta, e Miani Vunda, que saõ auõs ddl Rej.//

A segunda insignia que lhe deitao ao plesooço hé huã bolsa de bocado com seus cordões de seda a que uulgarmente chamãõ o Sanctissimo Sacramento. E hé que em tempo del Rej Dom Diogo lhe mandou o Papa huã bula de mujtas jndulgencias, tendo tabernaculo na sua jgreia do Sanctissimo Sacramento. E como então estauão os Reis mais religiosos, meteu a bula nesta bolsa, e trazendo a ao pescoso mandou que todos os Reis a. trouxesem, e asim ficou tam bem por jnsignia real, de que elles fazem muita conta; a terceira meteu lhe no braço direito huã *ma lunga* l⁽²⁴⁾ de ferro dourada inteira, e lhe dizem que aquella *ma lunga* significa o Reino que lhe dão, que hé inteiro

⁽²²⁾ Qualidades, prendas.

i⁽²³⁾ No original: eStaõ.

'⁽²⁴⁾i Espécie de bracelete ou manilha.

e que inteiro o [h]iade deixar; e que asi como a ma *Junga* [é] de ierro, hé o Reino de ferro, que por çisso sis chama *Congo riactari*, que hé o mesmo que Congo [173 v] de 'ferro; no braço dereito lhe poem hũ *enullo* mui bem guarnecido: damlhe na mão direita hũ arco muj bem feito, tam bem lhe lentregão o pendão das armas, que elle torna logo a entregar ao alferes mor, fazendo com cada insignia suas serimonias, e explicando o que cada huã significa; o que tudo acabado há muito tanger e gritos de alegria, e logo lhe uaõ beijar a mão por Rej, os duque®, marqueses e grandes do Reino, e todos os mais fidalgos, e asim fica aclamado por Rej, todos batem as palmas, e gritaõ de alegria, logo o uão acompanhando até os passo®; n<o caminho por onde passãõ estaõ os *dambos*, que saõ hũ modo de atabales muito grandes, e tem obrigação El Rej de o® tocar com a mão, dando alguãs pancadas, ie por isso faz aos tangedores huã mercê; acabasse este auto com meterem a El Rej de posse de seu® paços; e asim se fez a El Rej Dom Pedro Affonso. Mas achou muito do que nelles auia roubado. Mas eu fio dl elle que faça pareser ⁽²⁵⁾ tudo.//

(Acabada a coroação se fazem grandez fedtias, asim os fidalgos como a® matronas; -átie agora nao se fazem por trazerem ainda dÔ ⁽²⁶⁾, mas sem duuida se faram grandissimas, porque todos estaõ muj contentes com o nouo Rej, le a meu uer tem muita razaõ, porque hé muj bom christaõ, e há os de governax estremadamente, e se aisim não for, e leste Reino não tomar com elle ao ser primeiro, não há mais que fogir, porque quer Deos casti galo j

Domingo, que forão uintDe e noue de maio, sahio El Rej Dom Pedro com o dó tirado, e foi á procissão que ®e fez do Sanctissimo Sacramento, estando primeiro á missa que se disse cantada na Sancta See, e emquanto aleuantaraõ o Senhor, e estiueraõ á Sacra, esteue sem carapussa branca, que foi a primeira uez que nest-e Rejno se uiu, porque naquella carapuça tem toda a sua prehe-minencia, e cuidaõ que em a tirando naõ ficaõ sendo Reis. E na procissão que andou hũ grande pedaço, e fez grande sol, andou tam bem sem ella, e querendo por duas ou trez uenze®, o do chapeo de sol cubrilo, e fazerlhe sombra, o naõ consentio, dando com este piadozo acto grandes lesperanças de se aprouar neste Reino de o je em diante a guarda e ueneraçãõ que se deue ao culto dduiino, que tão estragada aPdaua, e há Deos de permitir que tome tudo á pureza antiga.//

Acabada a procissão, fez logo El Riej duque de Sundi a Dom Jurdaõ Manoel, sobrinho de Dom Sebastiaõ Quinanga, fazendo llhe primeiro huã grande pratica, em que lhe encomendaua muito a christandade daqurellas parties e guarda de nossa lei sancta, e que gouemaase com juStissa. E logo á tarde lhe mandou dizer que elle estaua enformado que auia muitos anos que estaua amansebado, que logo deitasse fora a manseba, e dizem que asim o fez.//

El Rej o dia que entrou nos paço® achou ajnda alguãs molheres dias que erãõ manseba® do Rej passado, e 'logo as mandou deitar fora, dizendo que elle não auia de ter mais que sua molher legitima, e lespero em Deos que com este exemplo ®e hande emmendar muito os fidalgo®, e que pello menos s? não dará tanto escândalo como ®e *da.ua*.//

⁽²⁵⁾(Leia. se: aparecer.

⁽²⁶⁾Luto.

Alguás rendías que estao uagas as uaj prouendo com mujta prudencia, buscando pessoas de aotoridadie para ellas. Mandou que ouuesste doutrinas publicas, e escolas aonde se lensiniasê [174] ois filhos del Riej e dos fidalgos a conhecer a Déos, e a Ier, e a escreuier; enfim não há duuida senão que [h]ade tornar este Reino á pureza da fé que teule em tempo do seu ISancto Rej Dom Affonso, pois Deos permietio que este principe tão catholico, bisneto seu, lhe erdasse o lugar, e officio.

É El Rej Dom Pedro Affonso netto da huã filha dei Rej Dom Affonso, chamada Tumba, je filho de Dom Affonso, duque que foi de Sundi, o qual morreo na batalha que deu a el Rej Dom Aluaro o Segundo, sobre Ihie querer tomar o Reino, e de sua molhier legitima, e por parte de sua māj hé da caza dos condes de Sonho; hé cazado há muito tempo, e tem de sua molher muitos filhos; h'é de pequeno corpo, cheo de carnes, muito preto, e posto que não hé muj gentil homem, tem muj boa prezenssa, e alegre rosto; hé auizado, e homem de muita pratica; não se sabe dielle que uiua mal com molheres, antes hé tido por muí continente: teue alignas rendas pequenas, e a maior que teue foi Bamba, e diella o trouxe Deas a ser Rej sem o procurar, nem ainda lhe passar polia jmmaginaçãõ tal couza; queira 'Deos seia para bem, e isxaltação de sua sancta lej.

Muitas rezoês derão os fidalgos por não fazerem Rej a Dom Aluaro, filho legítimo de El Rej Dom Ailuarõ Terceiro que Deos tem, entre as quais foi a principal que não sofria este Reino ter gouemador, e que nunca se tinha melle uiisto, nem a natureza dos Mosioongos o sofria, e asim que estaua já asentado de tempos muj antigos que os filhos que assim ficassem meninos lhe ficass iseu dereito resguardado para a primeira uagante, e para isso trazem muitos exemplo socedidos em muitos dois seus Reis. Como tam bem o ficarem as couzas del Rej que Deos tem muj odiadas com o Reino, e que pello mesmo cauzo que intentasem fazer Rei a algum dos seus filhos, se aleuantaria contra elles todo o Reino, e seria cauza de muitos trabalhos, e que era já muj antigo elegerem Rej, e não o darem por suceçaõ, e para isto dizem que o seu primeiro Rej, Mutino Aluquene, tendo hü filho, não lhie derão o Reino, e elegerão a hü seu 'sobrinho chamado Q[u]imanga. E que depois tomou entrar o filho do 'Motino, no Reino, quando foi para isso, e que Mazinga á Cunque foi El Rej Dom Joaõ Primeiro christaõ, tendo filho ilegítimo, derão o Reino ia outro bastardo, chamado Panzo á Musinga; e que El Rej Dom Diogo deixara dous filhos legitimos, e que ia nhü derão o Reino, e o derão aos bastardos; e que El Rej Dom Bernardo deixara hü filho, e derão o Reino a Nime á Luquene, que foi Dom Aluaro Primeiro; e qu-e Dom Aluaro o Segundo, deixando muitos filhos, não deraõ o Reino a nhü déliés, antes ele_geraÕ por Rej a seu jrmão Dom Bernardo o ISegumdo; e quie pior morte deste tomarão a eleger a Dom Aluaro o Tlerceiro, filho de Aluaro Segundo, por ser já para isso; e que asi o fizerão agora dando o a el Rej Dom Fddro Affonso; e que 'por sua morte, se o filho de El Rej Dfom Aluaro for (para isso flho darãq (27); e estas, e outras leis alegão; o que eu sei hé que o menino hé de pouco mais de dous annos, e que fica Sem o Reino, ie que 'lhe mão faltou procuradores que por elle procuraraõ, como atrás fica dito.

[27] p que efectivamente não sucedeu, à morte de D. Pedro, em 13-4.1624.

El Rej Dom 'Pedro Affonao hlé Segundo do nome, e muj paresido em tudo [174 v.] ião Primeiro, porque este foj Dom Pedro Affonso tam bem, e pello nome da térra 'Canga á iMubemba, filho del Rej IDom Afonso que foi de Congo; e pera ser Rei o chamarão de Bamba, donde lestaua por Senhor; e dizem delle que era mui continente, e tinha particular aborrecimento ás mollheías; o mesmo corre no que oje reina, porque se chama Dom Pedro Affonso, le pello nome da térra Canga, que foj filho de IDom Affonso, e foj chamado de Bamba pera Rej, e hé continente. Premita Déos darlhe melhor fim do que teue o primeiro, por que morreo ás ma os de Dom iDiogo, que contra elle se aleuantou: hé El Rej Dom Pedro o desimo Reí ide Congo; queira o Senhor olhiar com dlhos de misericordia a este Reino, para que neste numero e tempo tudo melhore.

A vinte -e noue de Maio chegou a esta Cidade o marquês de Pango, o qual não tinha passiado das primeiras terras de seu senhorio, e dizem que o infante Dom Afonso, (entendendo que eUe estaua mais polla terra dentro, o uiera buscar, pasando o Rio Singa, e que chegou até Quimpepsi, duas boas legoas do rio, e não o achando se tomara para sua banza e o marquez sabendo que auia Rej nouo se ueio para a corte.

Em dous de Junho juraraÕ os grandes e titulados, le mais fidalgos de rendas, de bem, e fielmente seruirem e obedeserem a El Rej Dom Pedro Affonço como a seu Rej, [e] Senhor, pondo as mãos sobre hü misal, fazendo cada hü antes de jurar, huã pratica em que mostraua os progenitores donde procediaõ e como em sua geraçaÕ nunca ouuera pessoa que contra seu Rej se aleuantasse; e se aoazo algũ se sentia enfamado !(²⁸) de semelhante orime, dauão muitas escuzas com muitos exemplos acontecidos no mundo, e trazendo muitas comparações a que 'elles chamão *entamas*, procuraua cada hü mostrai que se aquelle seu ascendente tropssara, que elle auia de ser fiel; enfim foi auêto eSte que se pudera escreuer muy ao largo, porque tinha particular graça, descobrir cada hü o de que lera notado, ou o foi algũs de seus país, ou progenitores, e comcluhiaõ todos suas orações com dizer que não aueria couza que os tirasse do seruiço del Rej, seu Senhor, Canga á Mubemba, á Muzinga, á Cun, lá Mutino, © que asim o jurauaõ a 'Deos todo poderoso, e a sua Sancta Lej escrita naquelle Liuro em que punhaÕ ias mãos.

(Todos os dias corre El Rej Dom Pedro as igfeias rezando em cada huã delias, com que dá grande exiemplo de sua christandade aos seus, que de forçado o ande immitar, ou com uontalde, ou sem ella. Socedeo que hü dia destes indo uizitando as j grei as achou hües esorauos de portug[u]ezes (enterando hü defunto, e por ser já noute não 'estaua ali Sacerdote, elle se dietueu, repredeo aos que enterrauaõ ao defunlto, e mandou chamar hü Sacerdote, e asender candeas, ie esteue ali até que o enterraraÕ, respondendo aos responsos e presses; aueto de muita edificação, e não costumado entre esta gente.

El Rej Dom lAluaro, que Deos tem tinha tirado o officio de juátissa maior a 'Dom Custodio, pessoa benemérta, e que entende o que deue fazer, e tanto que El Rej Dom Pedro entrou no Reino logo lho tomou a dar, eneomen.

(²⁸) Desacreditado, poluído.

dandolhe muito que fizesse jusbissa e não resebesse peitas >⁽²⁹⁾ ; e fazendolhe outras admoestações necessarias.

[175] Tinha El Rej morto dado a seu filho <a renda de Gabata, que hé boa renda, que hé menino, ie por seu lugar teniente hü Dom Cosme, pouco fidalgo; estie chegou aqui o derradeiro de Maio, © com for me se sab_e dei Rej Dom Pedro logo lhie tirara a renda, porque pretende dalas todas a homes, e não a meninos. Primeiro de Junho deu a renda de Quiazimba, que hé muito boa, a hü filho del Rej Dom Aluaro o Segundo, chamado Masaque, e este esteue quazi eleito por Rej, e não o foi por ser ainda mosso, que tanto escaldou a esta gente terem o Rej passado moço, que conforme cuidou não lhe tomará a acontecer outra.

Isto hé o que aconteceu neste Reino, desde janeiro de seis cantos e uinte e dous, até quatro do mes de Junho da dita hera.//

Congo. Ett^a

Destoas duas relações, conuem a saber, do aleuantamen'to de Dom Affonso, jrmaõ del Rej de Congo ⁽³⁰⁾, e da morte do Rej, se uê o que pasou no Reino de Congo. Só falta dar conta da uinda do embaixador de Congo, a qual passou na maneira seguinte^

Chegando o governador Joaõ 'Correa de Souza <a esta Lioanda ⁽³¹⁾, e achando que se tiuera roim correspondencia com o Reino de 'Congo, mandou lá hum embaxador, para que fizesse saber ao Rej de @ua chegada, e do bom animo que tinha para fauorecer aquelle Reino; e porque El Rej de Congo se quixaua, que os portug[u]jezes lhe tinhaõ tomado alguãs terras, lhe mandou dizer o dito governador que tam bem lhe faria justissa sobre as ditas terras, achando que El Rej de 'Congo tiuesse algum deraito nellas.//

Porem como a guerra de Casangi estaua principiada ie corria fama de que Congo dauão ajuda a Casangi, particularmente o duque de Bamba, crescerão tanto os queixumes destas sospedtas que o governador começou a desgostar das couzas de Congo, e a queixarse de Mani Bamba, sendo asi que dantes corria com elle; e neste tempo chegou de Congo hü embaxador que uinha sobre os negocios de Congo, particularmente sobre as terras que El Rej deziia que lhe tinhaõ tomado, e ainda que ouue pareseres que não fosse misebido, com tudo o governador, para mais justificar sua cauza, o resebeo com muita honraa, e aparato de guerra.

A primeira couza que lhe pedio o embaxador foj que lhe fizesse mercê de mandar soltar o Capitaõ da jlha da Loanda, e a Mani lioanda, senhor da jlha, que o governador tinha mandado prender por indicios que tinha que ajudauão, © aconselhauão o Casangi. Ao que o governador respondeo, que tinha queixumes de ambos, e alguãs culpas que lhe punhaõ, que até se não auerigoarem que os não auia de soltar.//

Aprezentou mais o dito embaxador hü rol de uarias couzas que trazia para tratar com o governador sobre o reino de Congo. Ao que o governador

⁽²⁹⁾ Dádivas para soborno.

⁽³⁰⁾ Documento de 24 de Janeiro de 1622.

⁽³¹⁾ Aportou a Luanda em 12 de Outubro de 1621.

respondeo que <nao lesitaua em tempo para deferir aquellas couza®, por quanto estaua enformado, e com testemunha®, que os de 'Gongo fauoreciao ao traidor Gasangi, e em Gongo reseberão o fato ⁽³²⁾ que Gasangi tinha furtado aos portug[u]ezes, e outras couzas que prouaria a seu tempo. //

iO embaxador uendo as couzas tão mal paradas pedio ao gouemador lhe desse as culpas, e queixumes que tinha de [175 v.] Mani Bamba, e do Capitaõ da jlha, e Mani Loianda, que estauão prezo®. As [culpas] disstes dous, respondeo o gouemador, ainda não estaõ todas liquidas ⁽³³⁾f, mas darei as de Mani Bamba; e primeiro que lhas desse, mandou uir diante do embaxador muitos macuta® de 'Casangi, e destes os principais que a nossa guerra caítiuara, fazendolhe perguntas, condenarão a Mani Bamba, e todas as culpas se arema. tauaõ em resseber o fato que lhe mandou Gasangi, e mandar lhe pedir mais, acrasentando que pejeasse e se defendesse dos tportug[u]ezes. E com isító fez hum grande papel das culpas de Mani Bamba, ie o mandaua a el Rej de Congo; partido o embaxador uieraõ nouas que El Rej de Congo era morto, e o Mani Bamba chamado Dom Pedro Affonço, ideito :por Rej, com o que o gouemador ficou bem enfadado ⁽³⁴⁾, escreuendo 'a Congo que não auia de consentir com tal eleiçaõ, e já que o ■rej deixara lerdeiro ainda que menino, que este auia de ser Rej; ainda não ueio repostas, e corre que o (embaxador que daqui foj o mandarão degolar, ie confiscar a fazenda, a quai noua não tenho por serto, nem a cauza por que lho fizeraõ; do que soceder auizarej.

ARQUIVO ROMANO DA COMPANHIA DE JESUS — Goa, XXXIX, I, fis. 170-175 v.

II

RITO DA ELEIÇÃO DOS REIS DO CONGO NO SÉCULO XVII:1

(1 7 7 5)

1755./ Rito della elezione/ del Re/ del Congo/ descritto dal P. Cherubino/ da Savons/ Missionário in detto Regno/ deWOrdine de^oCappuccini [F/. 47].

[El. 48]. No essendo il Regno del Congo di successione, mlà bensi di Eliezione, spetta al più grande di quel'lo stato, con altri Elettori suoi Coll-eghi a nominare, ied telegersi il Rè.

Questo tale da tuto il Regno molto stimatto, e venerato, che tiene tanto poter e l(oon isò se dalTiantichita, o da chie provenga) ®i chiama *Cameni Mongo*, e *Maniuunda*, che in lingua italiana uuol dire, Signor della Tierra, e Avo dei Rè.

'Questo dice di avere due corone, e quando elege il Rè, sproprarsi d'una, e la pone in testa al suo Ñipóte col consenso delli Elettori suoi collegghi.

f⁽³²⁾ (Flazenda, bens móveis.

l⁽³³⁾ Apurada®, verificada®.

⁽³⁴⁾ Importunado, aborrecido, incomodado.

lEletto, e ipublicato lo presentarlo al P. Superiore pro tempore, chie si ritrova nella Corte, acioì ancor egli lo approvi, o ¶Tintimi a prepararsi con una buona confessione, e 'Communione, elegendosi sempre un Cristiano, e legítimamente maritato; assegnatoli il giorno, viene alla Chiesa dimesso, e senza fasto, con la sua moglie, riceve i Sacramenti, e finite le fonzioni delta Chiesa, i grandi, e Elettori pregano il Padre a dargli il possesso, ie i giuramenti, che loro costumano.

iQuesto possesso consiste in moite cerimonie, parte dielle quali anno del ridicolo, e le traslacio. Lie altre sono le seguenti.

!Si unisoono tutti i Grandi délia Corte, che non sono delle due case Rieali, dalle quali si costuma eleggere alternativamente il Rè [PI. 48 v.] con il *Cameni Mongo*, e suoi Elettori Colleghi, e conduoono a piedi il di già nominato, ed eletto per loro Rè, chiamato in sua lingua *Manj Mutui*, ctoé pretendente dei Regno, ie lo fauno sediere sopra d'un picoolo iscabsillo nella sala detta dello Spirito Santo, che è una piazza grande, do-ve già stà preparato il Padre Missionário sedendo presso faltare. Rivolto in piedi a lui il *Carrisni Mongo* principia a farli una grande esortazione politica, corna deve governara il suo Regno, ed amare i Vassali, e considerare la gran dignità, che li danno, montre potrebbero darla a tanti altri, e non insuperbirsi, ie disprezzarli, dopo che avrà preso il possesso, e non imporli aggravii, non robarli i suoi poderi, perche Telegono solamente per loro Rè accioì li diffenda, li conservi la pace, ie costumi de suoi Antenati, e non far novità, non ammettere nel suo Palazzo altre donne, se non la sua legitima Moglie, e contrafacenido sarà di scandale, e odiato, e farà vita infelice, &c.

iDoipo tale longhissima conferenza principiano altui, manifestandoli lia nécessité del Regno, e li abusi da esitirparsi, &c.

Finita queste, lo conduoono con grandi isuoni di tamburi, e trombe, (fatte di ponte d'avorio) a piedi delTaltare, dove stà ¶sedendo il Padre, e li principali portano, chi una, chi Taltra insagna reale. Cappa grande, T Abito di Xtd, la spada, la Zinetta, lo Scetto [fl. 49], la Corona, TIAnelo grande, che nella pietra tiene Timpronto delTArme dei Regno di Congo, che sono le cinque spade, che apparvoro in aria ndl tempo dei Rè D. Alfonso Primo per difenderlo da suoi nemici, avendo egli abbraciata la Fede IOattolica, e non volendo la Madre lasciare d'adorare gli 'Idoli, © convertirai, ma siempre più pertinace nelTinvocare i Demonj, distruggendo quel che facera il buon figlio, e Rè per plantare la fede nel suo Regno, e ribellando il popolo; la fece sepelire viva sino al collo, e non lasciando così sepolta, di bestemiare il vero Dio, la fece decapitare {})//

X1) Na verdade e segundo a antiga tradição, a rainha ficara fiel ao 'Cristianismo e mandara chamar seu filho Afonso, governador da provincia de Sundi, para que estivesse ¶em S. Salvador quando do falecimento do rei João I e pudesse tomar posse do reino disputado por seu irmão pagão, Panzu a Nzinga. Vid. J. Cuvelier-JL. Jadin in *L'Ancien Congo d'Après les Archives Romaines*, Bruxelles, 1954, p. 16-17 et L. Jadin in *Aperçu de la situation du Congo no Bulletin de l'Institut Historique Belge de Rome*, Roma, Academia Belgica, 1963, p. 406 e p. 60 da Separata.

Àllora il partito délia Madre fi'ce gran guerra per uccidere il Rè sprovisto di gente, ed esso pregando la Santissima Vergine in suo ajuto, gli apparve Ella, le gli disse, che confidasse nel suo divin figlio, e continuasse nella fede abbracciata, e zelasse il suo onore, che resberebbero estinti li suoi nemici. E difatto lapparvero nel campo inimico cinque spade da mano invisibile maneggiafce, che trucidomo li suoi nemici e restó vittorioso, e per questo lo sterna del Regno sono le cinque spade, e il suo st endar do (?). Il Padre benedice tutbe le dette insegne e vá coprendo, e vestendo il nuevo Rè, esortandolo a 'servirai di quelle a gloria de Dio, per difesa della Fede, e del suo popolo. Poi gli da i fere giuramenti da loro costumati, dopoche abbracciarono la nostra Santa Fede.

Primo di non fare, ne permettere a suoi vassalli Idolâtrie, [fl. 49 v.] e superstizioni conbro la Pede, e non daré giuramenti di *Baú*, ne *Encazza* (?). *Baú* è im ferro infocato, che costumano i Gentili per provare la sua innocenza in quelle parti.

La *Encazza* è una corteccia d'albero molto amara, che data in poca quantité serve di medicina, e buon vomitivo, e purgante, ma data in quantité uccide.

Il Seconde di fedelté alia 'Chiesa Romana.

Il Terzo di mantenere la pace con il Rè di Portogallo per poter essere proveduti di Missionarij, e lasciar libera la strada in tutto il suo stato alli Operarij Evangelici. E mentre si fanno questie cerimonie il Rè stá sempre inginocchiato a piedi deiraltare, quali finite si fé una piccola esortazione a Lui, esortandolo aU'ubbidienza, e soggezione in tutto ciò che non è contrario a 'Dio, ne ailla sua 'Santa Legge.

Dopo il Sacerdote li pone la stola sopra la testa e lo benedice in forma di Crooe, e lo inalza, e conduce sul Trono preparato, lo fé sedere, si congeda, e li fé una irreverenza, ie ritorna al suo Ospizio.

E principian© le sue fonzioni ridicole, il *Cameni Mongo* e suoi vassali, le quali siccome le sô solamente d'udito, non parmi bene soriverle.

BIBLIOTECA APOSTÓLICA VATICANA — Códice *Borgia Latino*, 269, fis. 47-49 v.

Aperçu de la situation du Congo et rite d'élection des rois en 1775, por Louis Jadin, in Bulletin de l'Institut Historique Belge de Roms, Rome, 1963, p. 405-407, em tradução francesa..

Informação do Reino do Congo, por Frei Raymundo de Dicomano, missionário Capuchinho Italiano da Provincia de Toscana. Escripia de S. Paulo de Assumpção para o Governador d'Angola em 1798. — Biblioteca Nacional de Lisboa, iMs. 8554 (da Biblioteca de Júlio Firmino Bickier), fis. 103-115 v. Publicado em tradução francesa pelo Cónego Louis Jadin sob o título *Relation sur le royaume de Congo du P. Raimondo da Dicomano, missionnaire de 1791 à 1795*, in *Bulletin des Séances* da Académie Royale des Sciences Coloniales, Bruxelles, IIL1957-2, p. 308^337. O documento a p. 318-337. Trata também da eleição dos reis, fis. 107-107 v., no tempo de Henrique I.

(2) Para este assunto Vid. o nosso estudo *O Brasão de Armas do Rei do Congo in Portugal em Africa*, 1947 (IV), p. 100-106.

(3) Vid. a descrição da prova da Incassa ou Ngassa pelo Padre Bernardo da Gallo em 1710, in L. Jadin, *Le Congo et la Secte des Antoniens*, no *Bulletin* citado, Roma, 1961, p. 462 ie 52 da Separata*